

O Monumento prehistorico de Agualva (Cacem).

Por Octavio da VEIGA FERREIRA.

I.—Condições do Achado

No dia 7 de Setembro de 1951 fomos avisados pelo Sr. Almeida e Costa (1), que no de correr da abertura duma vala para uma canalização, em Agualva (Cacem), Concelho de Sintra, tinham aparecido alguns ossos e fragmentos de cerâmica. No dia 8 comparecemos no local e verificamos tratar-se dum curioso monumento, muito destruído, semelhante a outros já conhecidos em Portugal.

O relatório sumário desta escavação foi apresentado à Junta Nacional da Educação pelo Exmo. Sr. Prof. Doutor Mendes Corrêa, Presidente do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, e pelo Exmo. Sr. Engenheiro Dom. António de Castello Branco (Pombeiro), Chefe dos Serviços Geológicos de Portugal (2).

II.—Situação do Monumento

Quem de Lisboa se dirige a Sintra encontra, um pouco além de meio percurso, o entroncamento ferroviário do Cacem. Do lado

(1) E de louvar a acção do Sr. Almeida e Costa pelo cuidado em comunicar os primeiros achados que nos levou a efectuar a exploração metódica deste monumento. Se não fosse ele, tudo se havia perdido para sempre, com manifesto prejuizo da arqueologia.

(2) Reunião da Junta Nacional de Escavações e Antiguidades em 20 de Outubro de 1951.

Leste deste entroncamento fica situada a povoação de Aqualva. Foi neste povoação no início da Rua Dr. Ferraz que foi encontrado o monumento pré-histórico de que nos ocupamos no presente relato.

III.—Meio Arqueológico

O aparecimento do Monumento de Aqualva veio enriquecer a já longa lista de antiguidades pré-históricas do Concelho de Sintra. Num outro trabalho nosso sobre uma estação pré-histórica situada 1.000 m. para N. do campo de aviação da Granja do Marquês se citam as diversas estações do Concelho (3). Mencionaremos, no entanto, no presente trabalho as principais que rodeiam o monumento em estudo. A NE. as grutas pré-históricas do Vale da Calada no sopé do Castro das Olelas. As grutas foram descobertas por Carlos Ribeiro sendo exploradas mais tarde por Mello Nogueira (4). O Castro das Olelas está sendo explorado por Prescott Vicente e Cunha Serrão (5). Estes mesmos arqueólogos descobriram e estão a explorar a vasta estação eneolítica dos Negrais. A sepultura da Folha de Barradas, explorada por Carlos Ribeiro (6) situada onde estão actualmente os quarteis da Granja do Marquês. A Sul explorou Maximiano Apolinário a necrópole do Vale de S. Martinho (Sintra) (7). Citaremos ainda as grutas de Carenque (8), os dolmenes de Belas (9) e por ultimo o monumento do Monge na Serra de Sintra (10). Como se deprende, o monumento agora descoberto, está numa região bastante importante do ponto de vista arqueológico, principalmente no eneolítico.

IV.—Descrição do Monumento

a) Comparação com outros tumulos semelhantes.

O monumento (Fig. 1) é constituído, em planta, por duas partes distintas: a câmara ou cripta e a galeria ou corredor, orientados segundo NW.-SE.

(3) O. DA VEIGA FERREIRA e J. CAMARATE FRANÇA, *A estação pré-histórica do Alto do Montão (Sintra)*, *Trabalhos de Antrop. e Etnol.* Porto, 1952.

(4) A. DE MELLO NOGUEIRA, *Estação pré-histórica de Olelas*, Lisboa, 1933.

(5) E. PRESCOTT VICENTE e E. CUNHA SERRAO, *O castro de Olelas*, *Trabalhos de Antrop. e Etnol.* Porto, 1952.

(6) CARLOS RIBEIRO, *Estudos Pré-históricos em Portugal*, II, Lisboa, 1880.

(7) MAXIMIANO APOLINARIO, *Necrópole Neolítica do Vale de S. Martinho*. *Arch. Port.* Vol. II, Lisboa, 1896.

(8) MANUEL HELENO, *Grutas artificiais do Tojal de Vila Chã (Carenque)*, Lisboa, 1933.

(9) CARLOS RIBEIRO, (1880).

(10) CARLOS RIBEIRO, (1880).

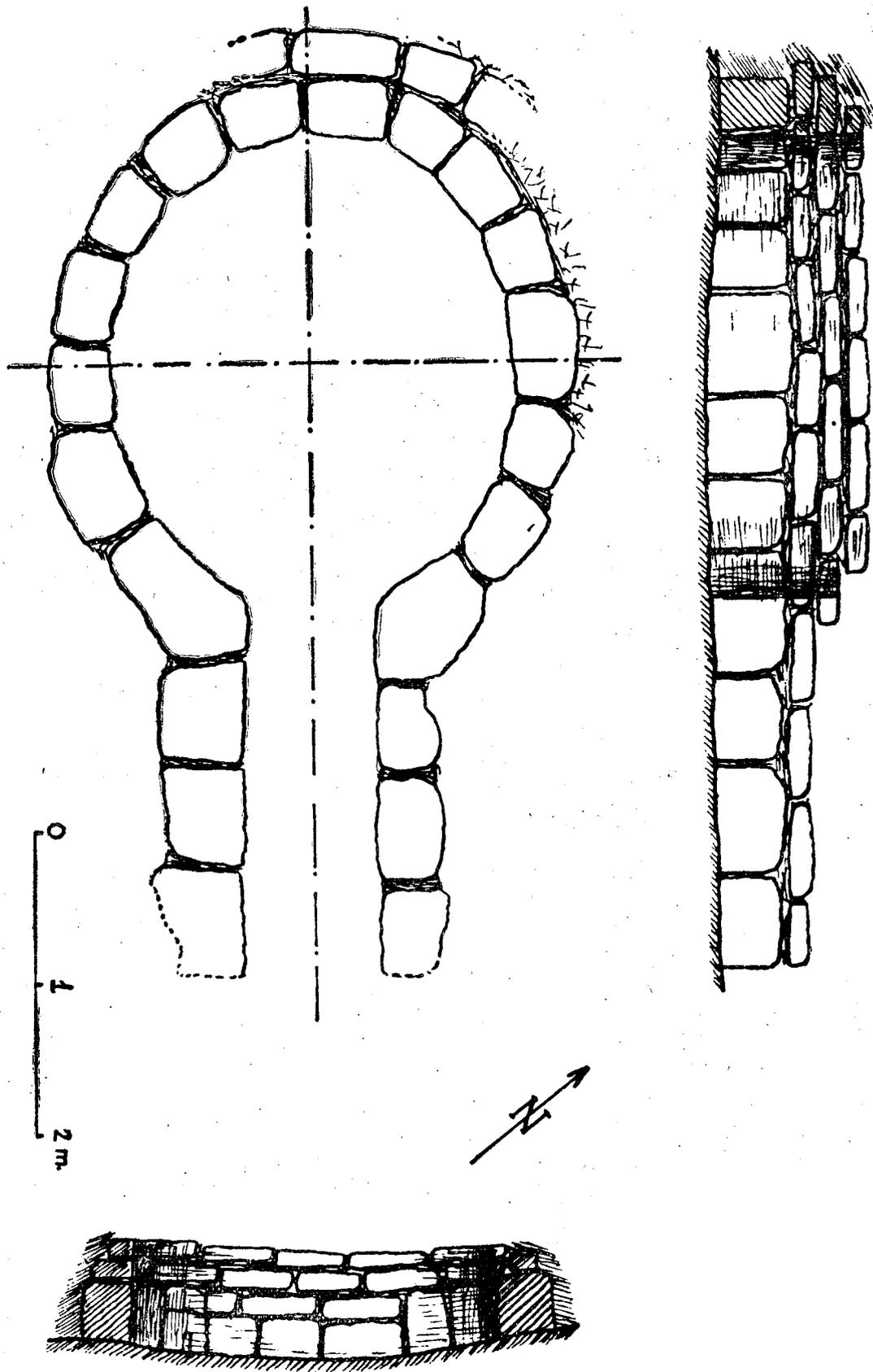


Fig. 1. — Monumento prehistórico de Agualva (Cacem).

A câmara ou cripta é um recinto elíptico tendo de eixo maior 3,00 m. e de menor 2,50 m. A galeria tinha, no estado em que se encontrava, 2,50 m. de comprimento por 0,90 a 1,10 m. de largura, sendo como se vê irregular.

A construção do monumento foi feita, empregando na base da parede da cripta, grossos blocos de calcário com as dimensões de

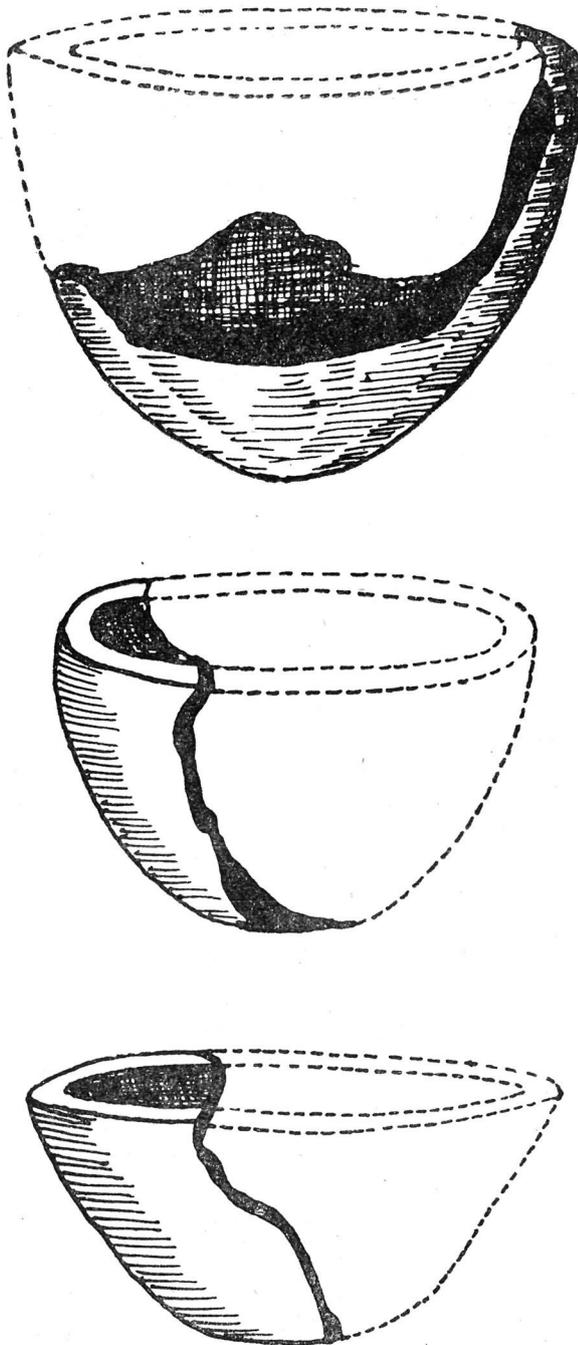


Fig. 2. — Reconstituição de vasos lisos, tipo dolménico.

0,50 m. de altura por 0,50 a 0,80 m. de comprimento. Sobre estes blocos assentavam fiadas de lages com as dimensões médias de 0,40 m. de comprimento por 0,10 m. a 0,12 m. de altura, fiadas estas, assentes de forma a que diminuindo progressivamente o diâmetro da cripta formavam uma falsa cúpula. Na galeria, a base das pare-

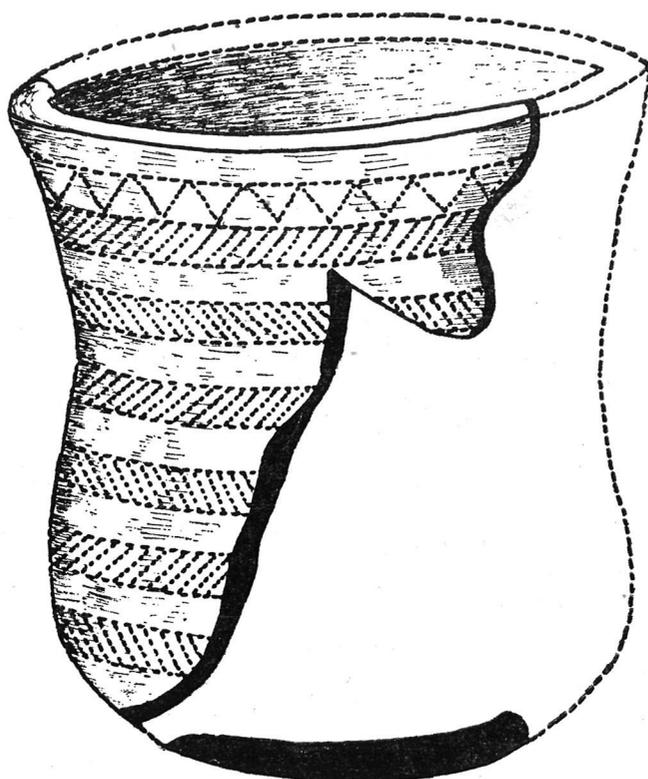


Fig. 3. — Reconstituição do vaso campaniforme da Est. III, nº 26.

des desta, era também formada por blocos com as dimensões dos da cripta. Sobre estes blocos apenas podemos observar duas fiadas de lages, também com as dimensões dos empregados na cripta. Devido à destruição quase completa do monumento, nada mais podemos colher sobre a sua construção.

O edificio tumular assentava directamente sobre a bancada de calcários do Cenomaniano, e foi, justamente, entre dois grandes blocos deste calcário, que ficou construido o túmulo, vendo-se ainda no local, antes da regularização da referida artéria, um deles encostado a uma das baixas edificações que marginam a estreita rua. Foi talvez por esta razão que o monumento ficou com a forma acentuadamente elíptica. Estes monumentos embora não sejam rigorosamente circulares, na cripta, são contudo mais arredondados do que o agora estudado. A referida bancada de calcário onde assentava

o túmulo estava toda fendida, havendo nestas fendas, algumas peças do mobiliário funerário.

Ocupava o monumento quâse toda a largura da citada artéria e o seu estado de destruição era grande, apresentando, quando da exploração, a base da cripta e galeria, constituídos pelos já citados blocos, e por tres fiadas de delgadas lages. A trincheira que deu origem à sua descoberta tinha cortado metade da galeria e uma faixa da cripta do lado direito e, foi nessa altura que, começaram a aparecer ossadas, cerâmica e demais objectos.

Apesar de estar muito danificado não oferecia dúvidas a sua classificação. Podemos ver monumentos semelhantes em várias regiões de Portugal, embora variando nas espessuras do material empregado e sua qualidade, assim como nas dimensões: em S. Martinho de Sintra (11), Monumento de Barro (Torres Vedras) (12), Monumento da Serra das Mutelas (13), Monge (Sintra) (14) e o túmulo nº 9 de Alcalar (15). Em Espanha citaremos Cueva de Romeral (16), Dolmen de Matarrubilla (17), Cueva de la Pastora (18), Almizaraque (19) etc. etc.

São conhecidos monumentos com técnica construtiva semelhante em: França, Escócia, Inglaterra, Itália e Grécia (20).

V.—Espolio

O espólio proveniente deste jazigo é bastante interessante e constitui mais um documento sôbre a cultura pré-histórica da Península, no Eneolítico. Máis uma vez se notou que a maior abundância se encontrava em volta da cripta e dos lados da galeria, principalmente à entrada da Cripta. Os esqueletos embora todos amassados, por causa do abatimento da cúpula e entulhamento desta, estavam sem

(11) MAXIMIANO APOLINARIO, (1896).

(12) F. ALVES PEREIRA, *Processo do monumento pré-histórico do Monte da Pena* (Torres Vedras), *Arch. Port.* Vol. XIV, Lisboa, 1909.

(13) VERGILIO CORREIA, *A exploração arqueológica da Serra das Mutelas* (Torres Vedras), *Arch. Port.*, Vol. XIX, p. 264, Lisboa, 1914.

(14) CARLOS RIBEIRO, (1880).

(15) G. e VERA LEISNER, *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel*, Berlim, 1943.

(16) G. e V. LEISNER, (1949).

(17) HUGO OBERMAIER, *El dolmen de Matarrubilla*, Mem. nº 26 da Junta para Ampliación de Estudios Investigaciones Científicas, Madrid, 1919.

(18) G. e V. LEISNER, (1943).

(19) Idem, ídem.

(20) F. ALVES PEREIRA, (1909).

dúvida encostados às paredes da cripta e galeria na sua posição mais vulgar, isto é, "acocorados".

O material recolhido foi o seguinte:

- 16 cilindros, uns de mármore, outros de grês.
- 13 contas de calaite de diversos tamanhos.
 - 1 conta de amfibolite.
 - 1 conta de xisto ardosiano.
 - 1 conta de calcário de minúsculas dimensões.
 - 1 conta pequena feita da concha dum molusco.
 - 1 un botão de osso.
 - 1 gancho ou fíbula rudimentar de cobre?
 - 2 ídolos de osso, sendo um de gola.
 - 1 fragmento de outro idolo de osso.
 - Varios cabos de osso de diversas dimensões.
- 1 ponta de seta de sílex com base côncava.
- 1 ponta de dardo, ou punhal pequeno, de sílex branco leitoso.
- 3 lâminas de sílex.
 - 1 lâmina de quartzo hialino.
 - 1 elemnto de foice de sílex.
 - 2 fragmentos de alabarda de sílex.
 - 1 ponta de lança de sílex.
 - 1 fragmento de punhal (base) de sílex.
 - 2 raspadeiras de sílex.
 - 1 lasca de sílex em forma de ponta de lança.
 - 1 núcleo de sílex.
 - 1 percutor de sílex.
- 3 defensas de javali e um fragmento de outra.
- 1 fragmento dum cilindro de osso (recipiente).
- 3 vasos lisos incompletos (barro).
- 1 vaso campaniforme incompleto.
- 1 fragmento de grande vaso ornamentado com motivos do campaniforme.
 - Varios fragmentos de vasos ornamentados.
 - Muitos bordos de vasos lisos de diferentes dimensões.
- 1 placa de calcário, curva semelhante a uma da Folha de Barradas e a outra do dolmen da Estria.
 - Resto de fauna (*canis, ovis, sus, felis, etc.*)
- 1 Pecten (*Pecten máximus L.*)
- 3 mós de calcário.
 - Abundantes restos de esqueletos humanos (maxilares, fragmentos de crânio, dentes, rótulas, falanges etc., etc.)
 - Alguns fragmentos de corantes (ôcres), carvões de madeira, pequenos seixos rolados, alguns com vestígios de fogo.

Para maior simplicidade na descrição do espólio, dividiremos este, em: *Armas, Objectos de uso comun, Cerâmica, Objectos de adôrno, Objectos a que se atribue finalidade religiosa e Diversos.*

A) *Armas.*

1. *Objectos de pedra.*

Flechas ou pontas de seta.—Infelizmente só recolhemos uma única ponta de seta neste sepúlcro. É muito bem trabalhada e bas-

tante longa (Est. nº 1). Tem a base côncava. Podemos ver exemplares semelhantes em Palmela (21). Vila Nova de S. Pedro (22), Cascais (23), Furninha (24), Casa da Moura (25), Dolmenes de Belas (26), etc., etc. Em Espanha principalmente no Sudoeste (sepúlcros de Los Millares têm-se encontrado centenas delas. Nils Aberg, consi-



Fig. 4. — Perfis de bordos de vasos.

dera as pontas de seta de base côncava, características do apogeu do Eneolítico (27).

Os outros tipos de flecha são considerados por G. e V. Leisner como mais arcaicos (28). Comp., 37 mm.; larg., 17 mm.; esp., 4 mm.

(21) Colecção dos Serviços Geológicos de Portugal e Museu Etnológico. Dr. Leite de Vasconcelos.

(22) E. JALHAY e A. DO PAÇO, *El Castro de Vila Nova de San Pedro*, *Actas y Mem. de la Socied. Esp. de Antrop., Etnol. y Preh.*, T. XX, Madrid, 1945.

(23) A. DO PAÇO, *Grutas do Poço Velho ou de Cascais*, *Comun. dos Serv. Geol. de Portugal*, T. XXII, Lisboa, 1942.

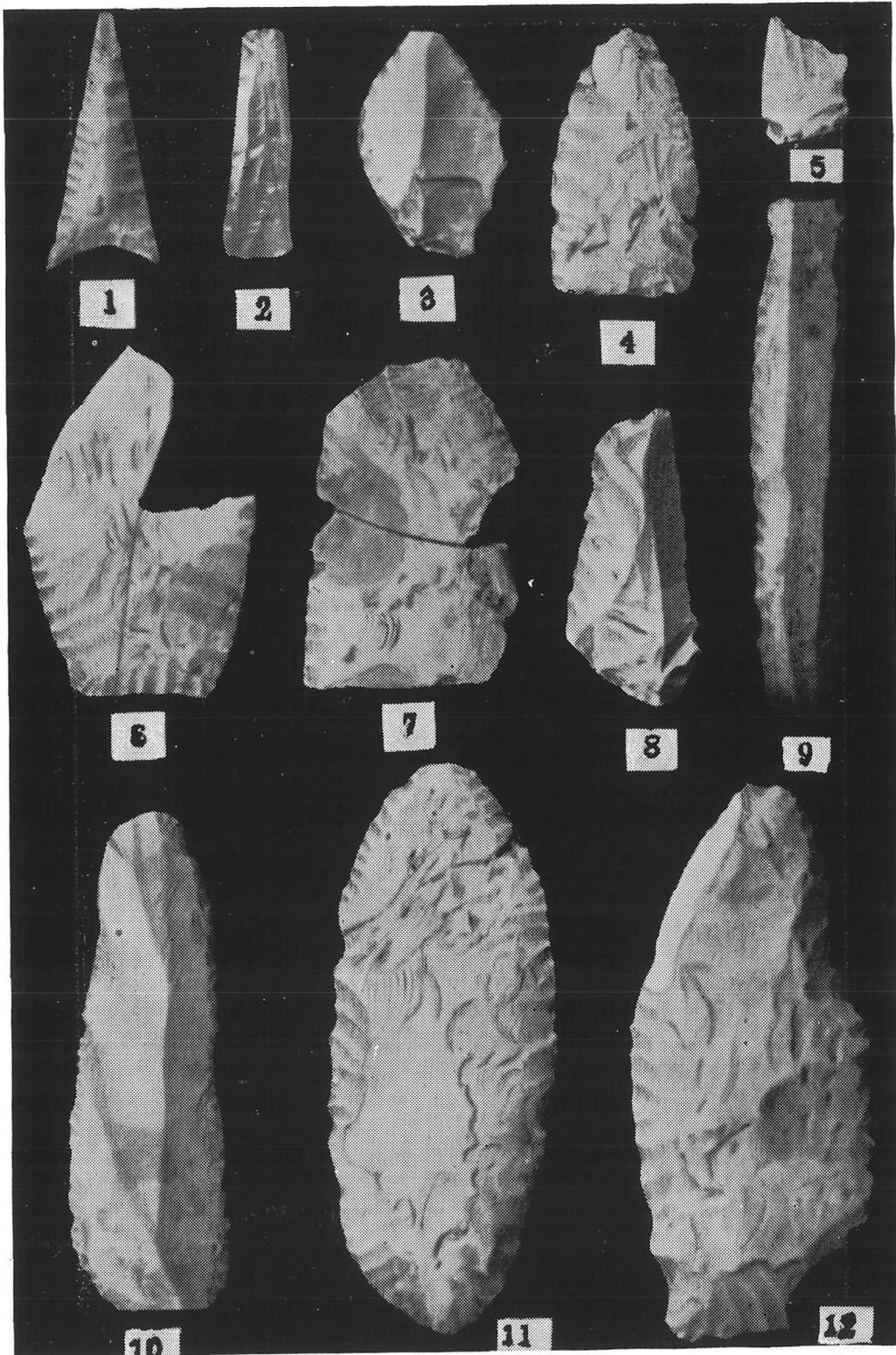
(24) Colecção dos Serv. Geol. de Portugal.

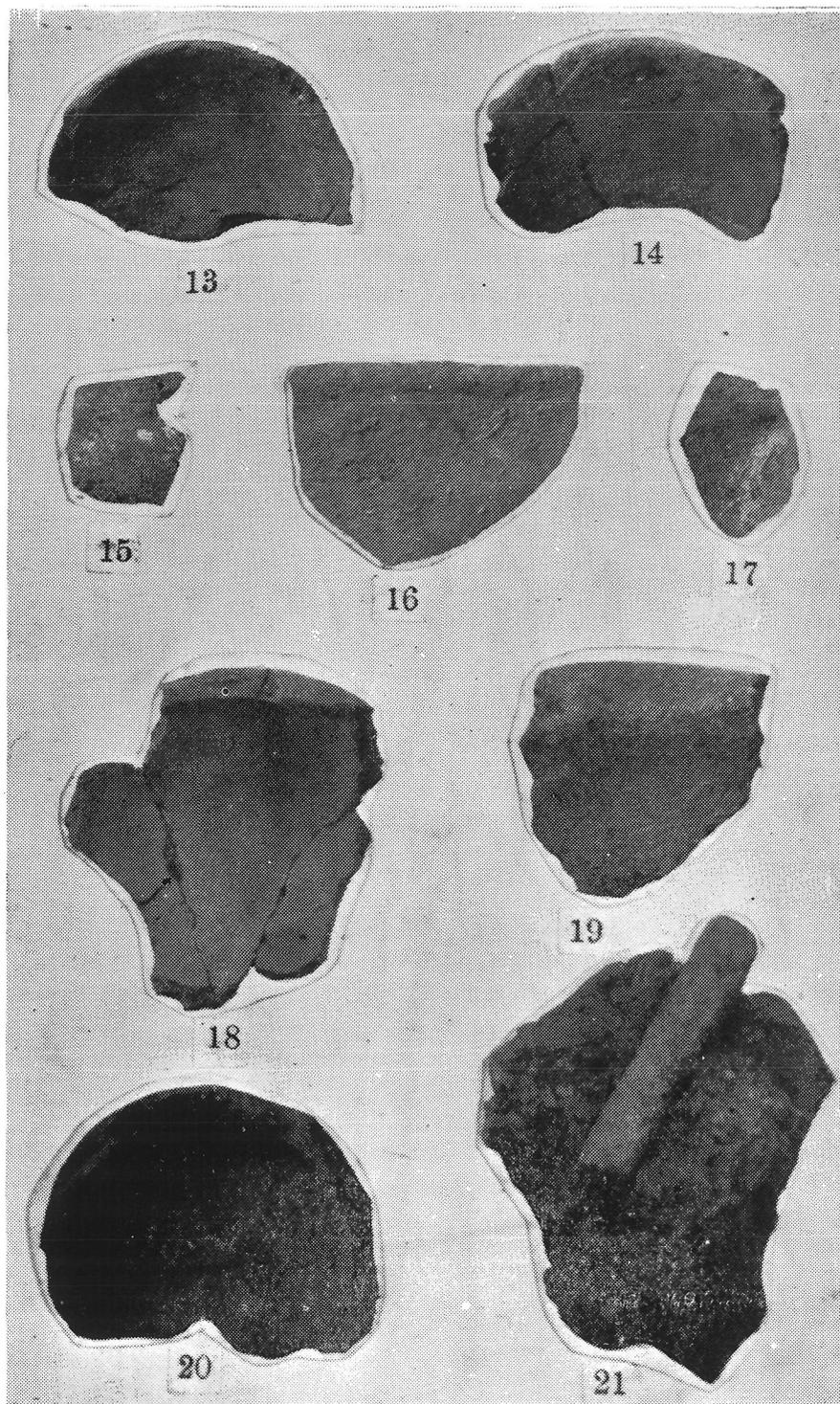
(25) Idem.

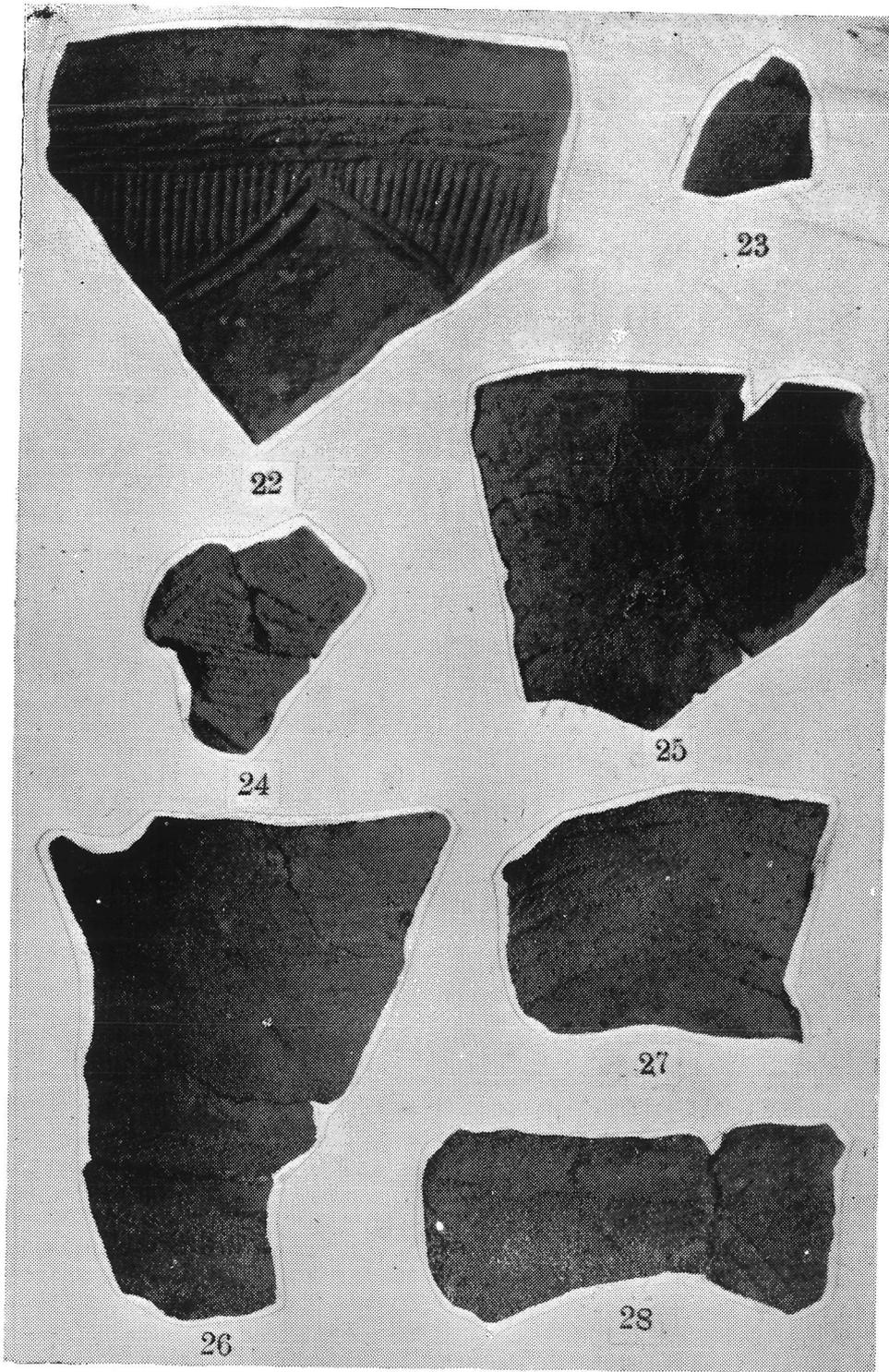
(26) CARLOS RIBEIRO, (1880).

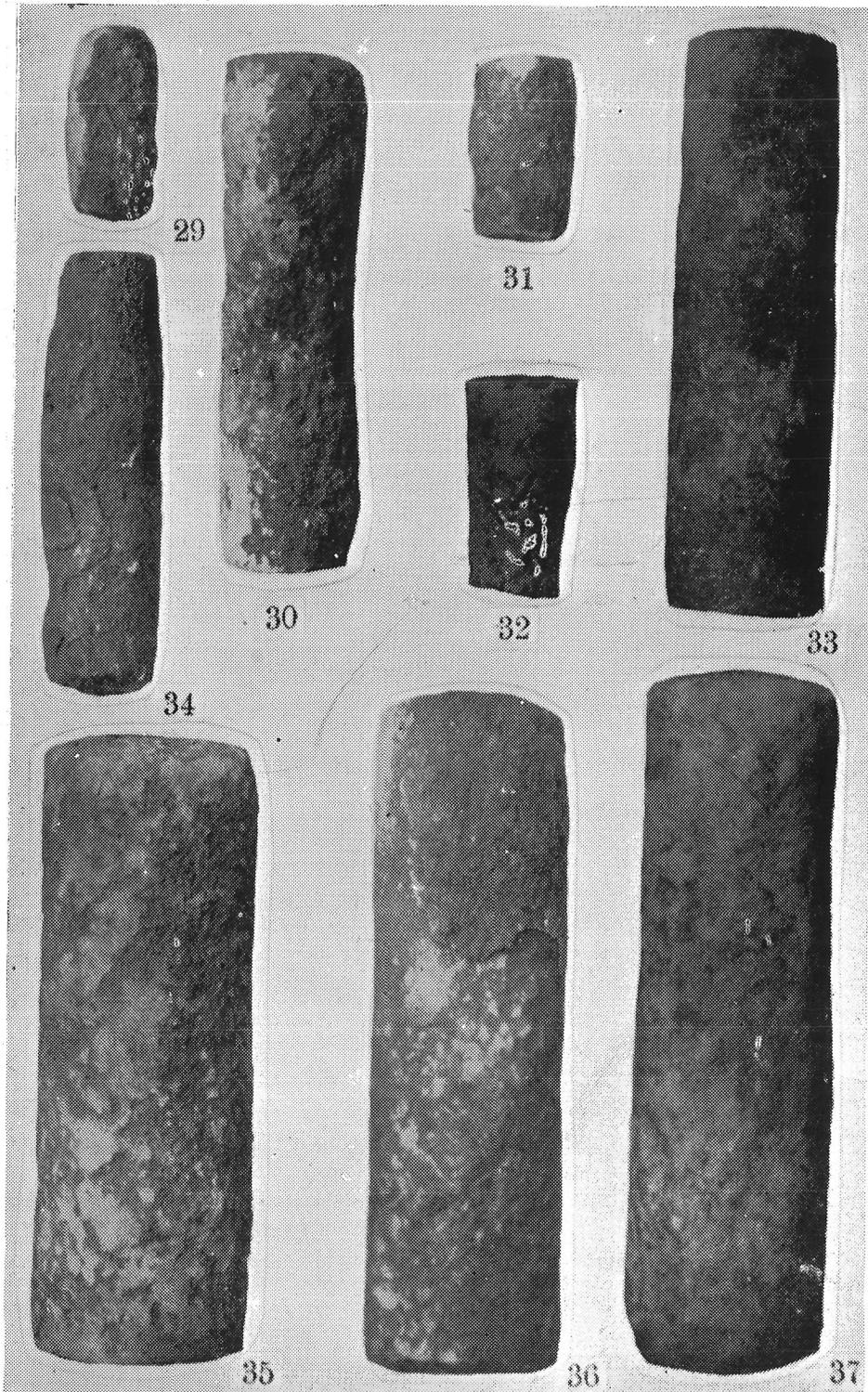
(27) NILS ABERG, *La civilisation énéolithique dans la péninsule ibérique*. Halle, 1921.

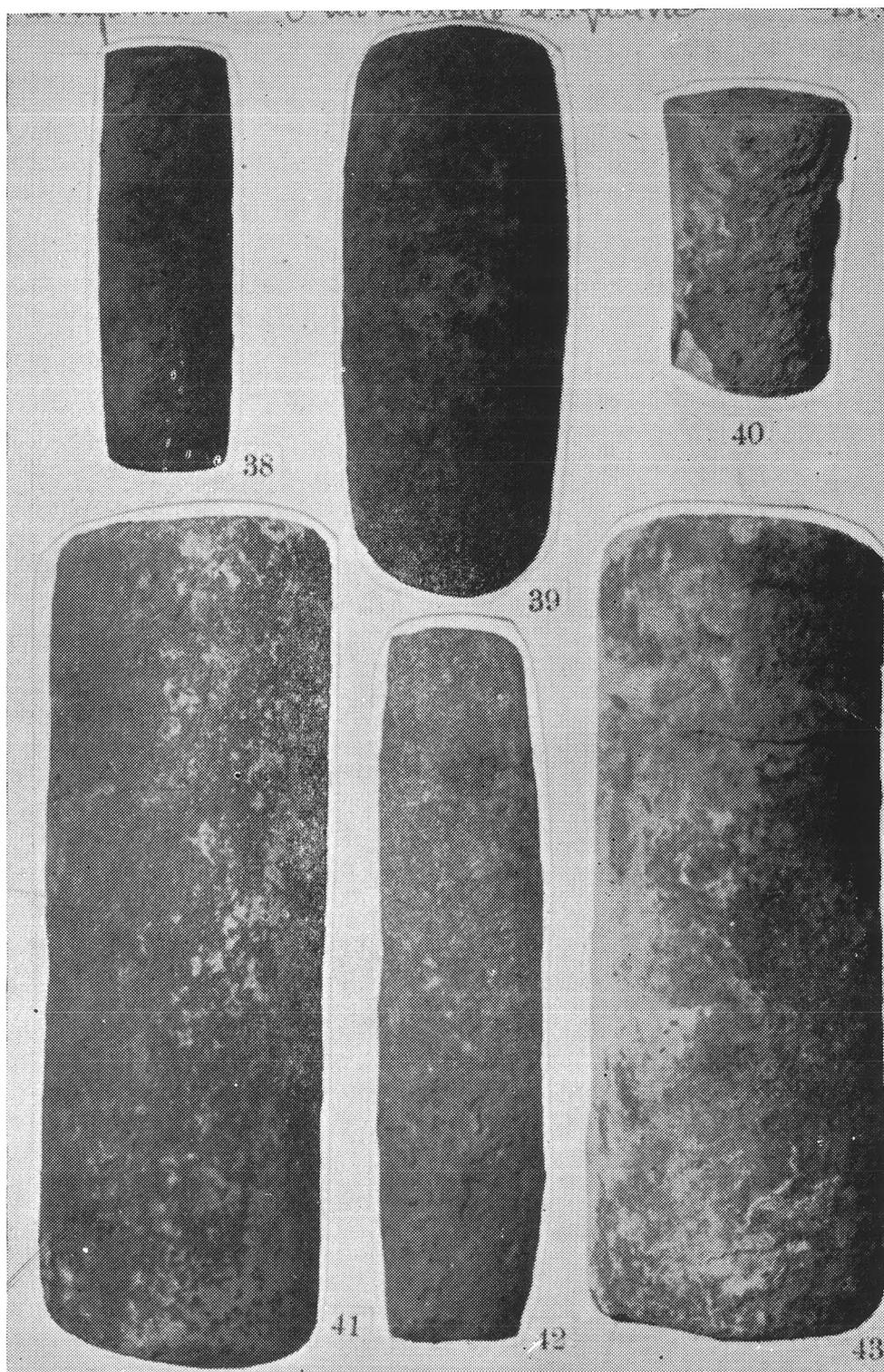
(28) G. e V. LEISNER, (1943).

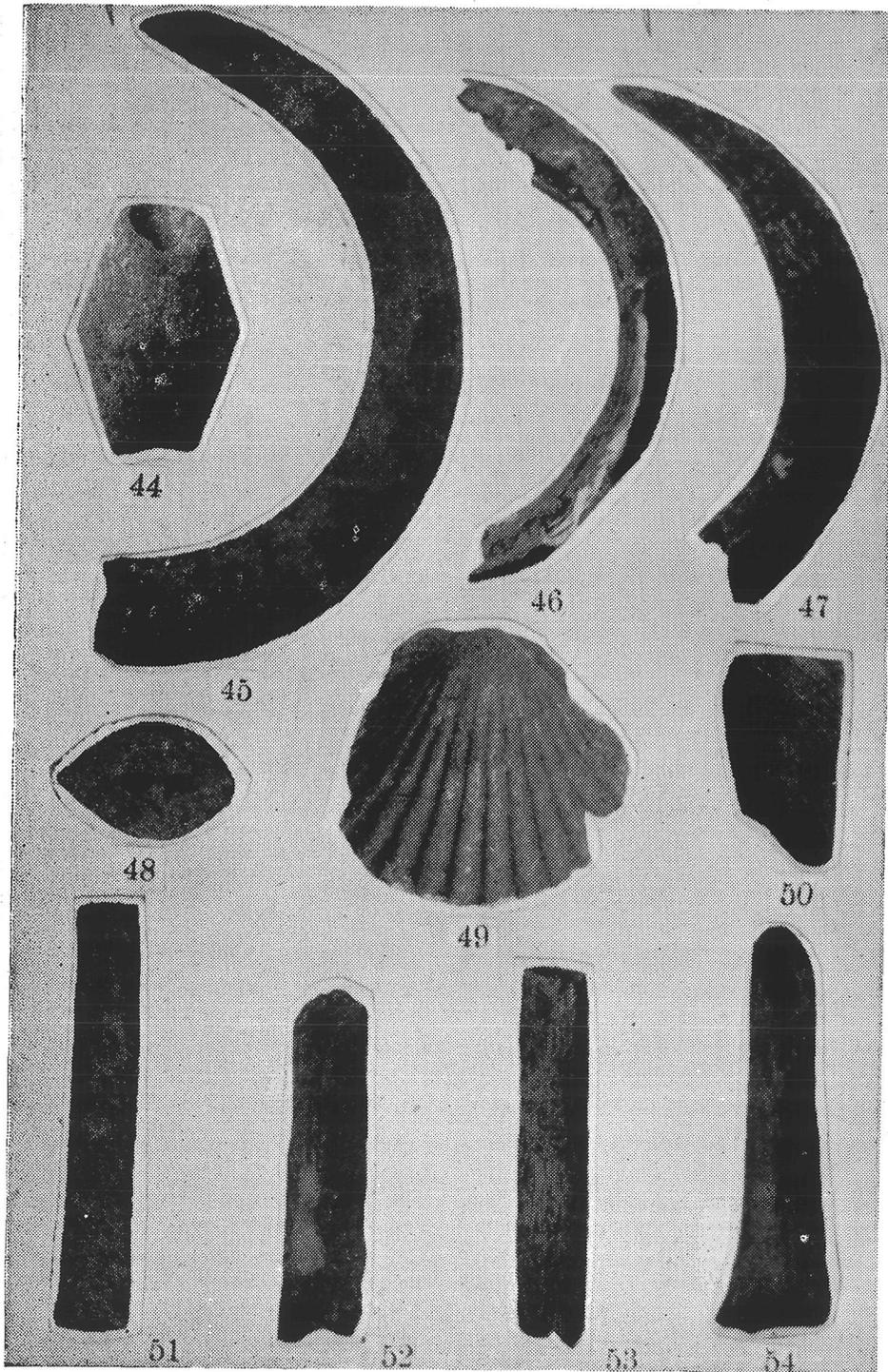


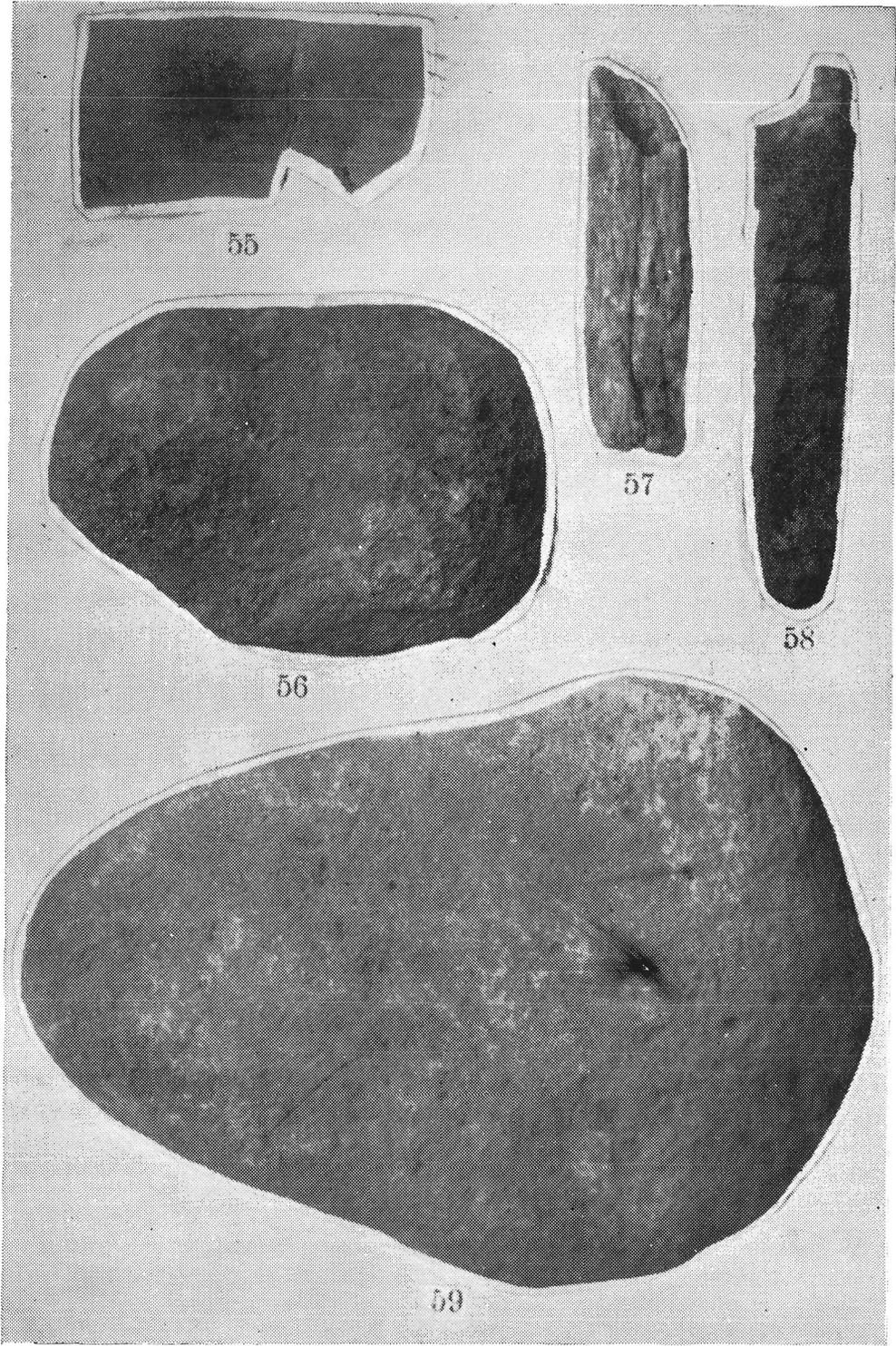


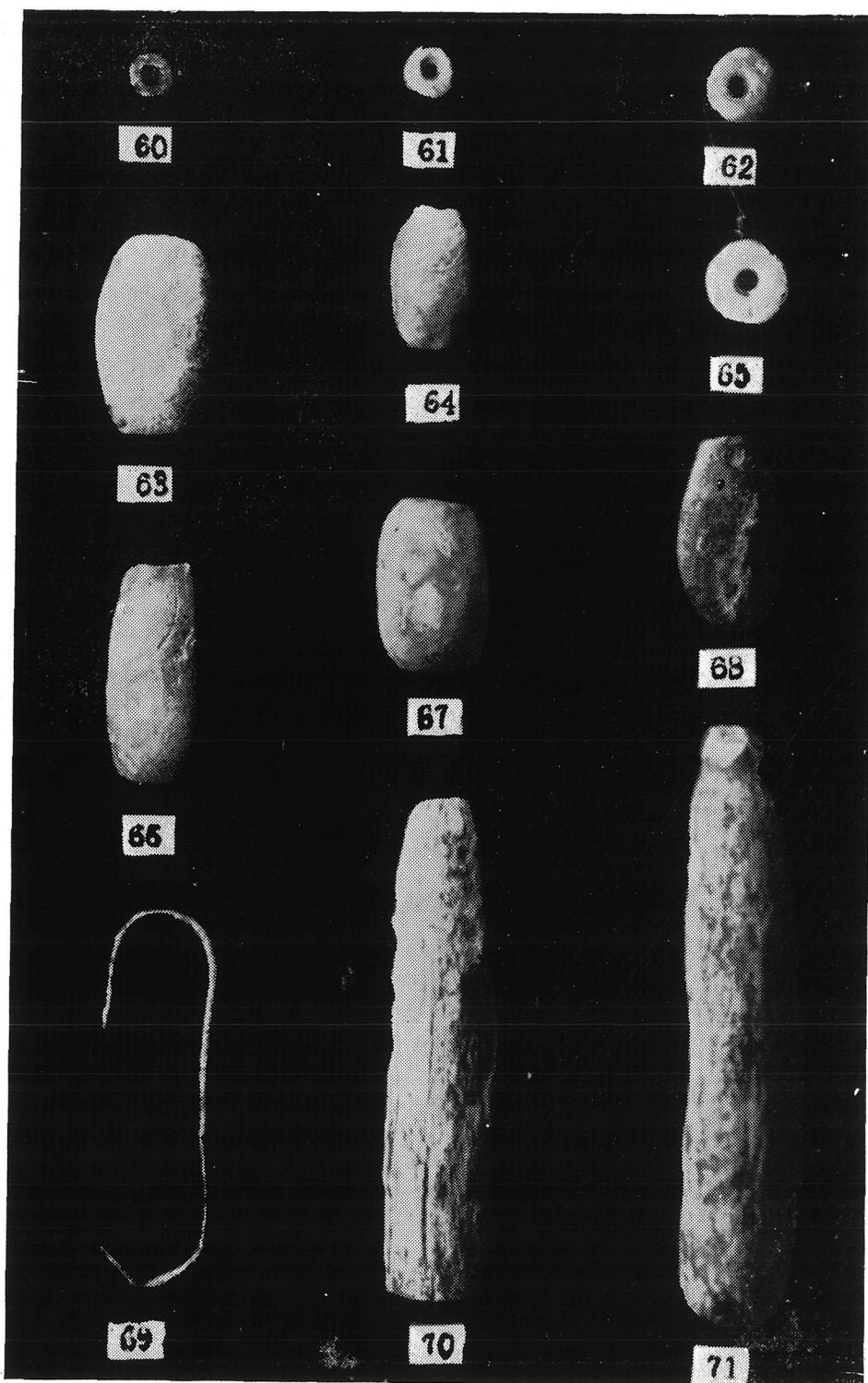












Pontas de Lança.—Foi encontrada uma ponta de lança (Est. I, 12) trabalhada a largos retoques nas duas faces e com um pedúnculo imperfeito para emcabamento. Schmidt (29) e O'Riordain (30) consideram lanças, as de folha mais larga, e punhais as de folha mais estreita. Comp., 85 mm.; larg., 36 mm.; esp., 9 mm.

Punhais. — Um exemplar perfeito, de sílex branco leitoso (Est. I, nº 4) e um fragmento doutro (Est. I, nº 5), com os característicos entalhes laterais para o encabamento, embora menos desenvolvidos que num exemplar de Vila Nova de S. Pedro, e semelhante a alguns existentes nas colecções dos Serviços Geológicos. Em Espanha existem em Los Millares, Gador (Almeria) (31), etc. Aparecem também no Egipto (32). Comp., 42 mm.; larg., 25 mm.; esp., 4 mm.

Alabardas.—Encontrou-se parte de uma, que deveria ser grande (Est. I, nº 7) bem trabalhada, e a base e, pouco mais, de outra (Est. I, nº 6 que deveria ser também uma linda peça. Em Portugal ha belos exemplares como se deprende lendo o magnifico trabalho do saudoso P. Jalhay (33). Em Espanha aparecem em todo o Sudoeste (principalmente Almeria). Dimensões da primeira: Comp., 15 mm.; larg., 33,5 mm.; esp., 8 mm. Da segunda: comp., 53 mm.; larg., 35 mm.; esp., 7 mm.

B) Objectos de uso comum.

1. Objectos de pedra.

Mós.—Foram encontradas tres mós de calcário de pequenas dimensões (Est. VII, nº 56 e 59). Apresentam-se muito gastas pelo uso prolongado a que estiveram submetidas. São vulgarissimas nas estações eneolíticas. Dimensões da maior: Comp., 230 mm.; larg., 150 mm.; esp., 70 mm. Da menor: Comp., 130 mm.; larg., 90 mm.; esp., 60 mm.

Lâminas.—Tres lâminas de sílex branco amarelado (Est. I, nº 8, 9 e 10) sendo a maior muito retocada nos dois bordos. São vulgares em todas as estações desta época. Dimensões da maior: Comp., 82 mm.; larg., 15 mm.; esp., 6 mm. Da menor: Comp., 45 mm.; larg., 20 mm.; esp., 6 mm.

(29) H. SCHMIDT, *Estudios acerca de los principios de la edad de los metales en España.* (Trad. de Bosch Gimpera), Mem. nº 8 da C. I. P. P., Madrid, 1915.

(30) S. P. O'RIORDAIN, *The alberd in Bronze Age Europa*, Oxford, 1937.

(31) L. SIRET, *Questions de chronologie et d'ethnographie ibériques*, Paris, 1913.

(32) G. BRUTON e G. THOMPSON, *The badarian civilization*, 1928.

(33) E. JALHAY, *A alabarda de sílex do Casal da Barba Pouca (Mação) e a expansão das lanças e alabardas líticas em Portugal*, Brotéria, vol. XLIV, fasc. 1, Lisboa, 1947.

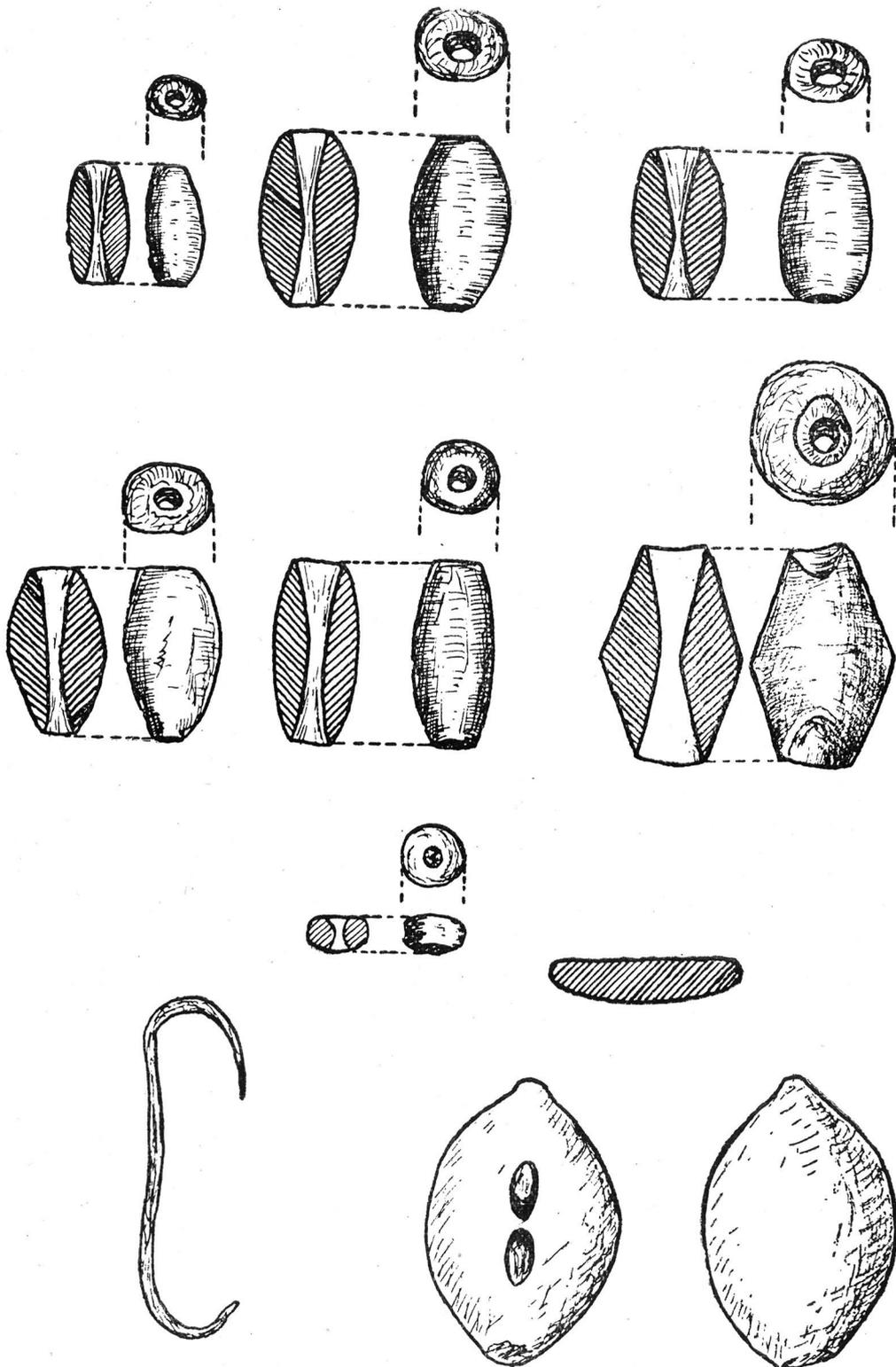


Fig. 5.—Botão em osso, artefacto de bronze, contas de colar.

Lâminasinhas.—Encontou-se uma linda lâmina de quartzo hialino duma perfeição enorme (Est. I, nº 2). Não são muito vulgares os exemplares como este. Nas colecções dos Serviços Geológicos existem

os seguintes: 3 da gruta do Carvalhal (Turquel); 6 da Casa da Moura (Cesareda); 4 do dolmen do Monte Abrão (Belas); 2 do dolmen da Estria; 2 da estação de Liceia e 4 de Palmela.

Nenhuma, porém, tem as dimensões e perfeição do exemplar agora estudado. Comp., 36 mm.; larg., 10 mm.; esp., 2 mm.

Raspadores.—Foram encontrados dois, aproveitados dum núcleo, a que se tiraram duas lâminas.

Foices, foicinhas ou elementos de foice.—Vários autores consideram estas peças como pontas de lança ou de punhal como Schmidt (34) e O'Riordain (35) que as consideram as antecessoras das de bronze.

L. Siret pensa, porém, que são contemporâneas (36). Para o Abade Breuil são consideradas simplesmente elementos de foice, ou quando grandes, foices. Bonsor (37) chegou mesmo a reconstituir uma foice com elementos semelhantes. Jean Ollivier, em Portugal, reconstituiu uma foice com elementos pequenos encontrados nas estações de superfície da Amadora (38). Porém os elementos de foice de J. Ollivier são muito menores que estes e apresentam uma técnica mais antiga (39). Os irmãos Siret encontraram elementos muito semelhantes ao nosso exemplar em que na serrilha dum dos lados ainda se notavam restos de betume (40). O Abade Breuil diz que a pátina lustrosa que se observa nos bordos destas peças, é devido à sua utilização no corte dos cereais.

O nosso exemplar (Est. I, nº 11) é análogo aos encontrados em Vila Nova de S. Pedro (41), Grutas de Cascais (42), Liceia (43) e Monge (Sintra). Em Espanha aparecem em Los Millares, Almuzaraque, etc., etc. Comp., 87 mm.; larg., 34,5 mm.; esp., 8 mm.

(34) H. SCHMIDT, (1915).

(35) S. P. O'RIORDAIN, (1937).

(36) L. SIRET, *Orientaux et occidentaux en Espagne, Rev. des Questions Scientifiques*, Bruxelas, 1908.

(37) G. BONSOR, *Les colonies agricoles préromaines de la vallée du Betis, Rev. Archéol.* T. XXXV, Paris, 1909.

(38) J. OLLIVIER, *Les éléments de faucille néo-énéolithiques des environs de Lisbonne*, Vol. da *Ethnos*, Lisboa, 1946.

(39) Prescott Vicente e Cunha Serrão encontraram elementos de foice no Castro de Olelas semelhantes aos encontrados por J. Ollivier e muito bem patinados. Na colecção de M. Vaultier ha exemplares lindos que provêm da Estação da Penha verde (Sintra).

(40) H. e L. SIRET, *Les premiers âges du métal dans le Sud-Est de l'Espagne Atlas et Texte*, Anvers, 1887.

(41) E. JALHAY e A. DO PAÇO, (1945).

(42) A. DO PAÇO, (1943).

(43) CARLOS RIBEIRO, (1880).

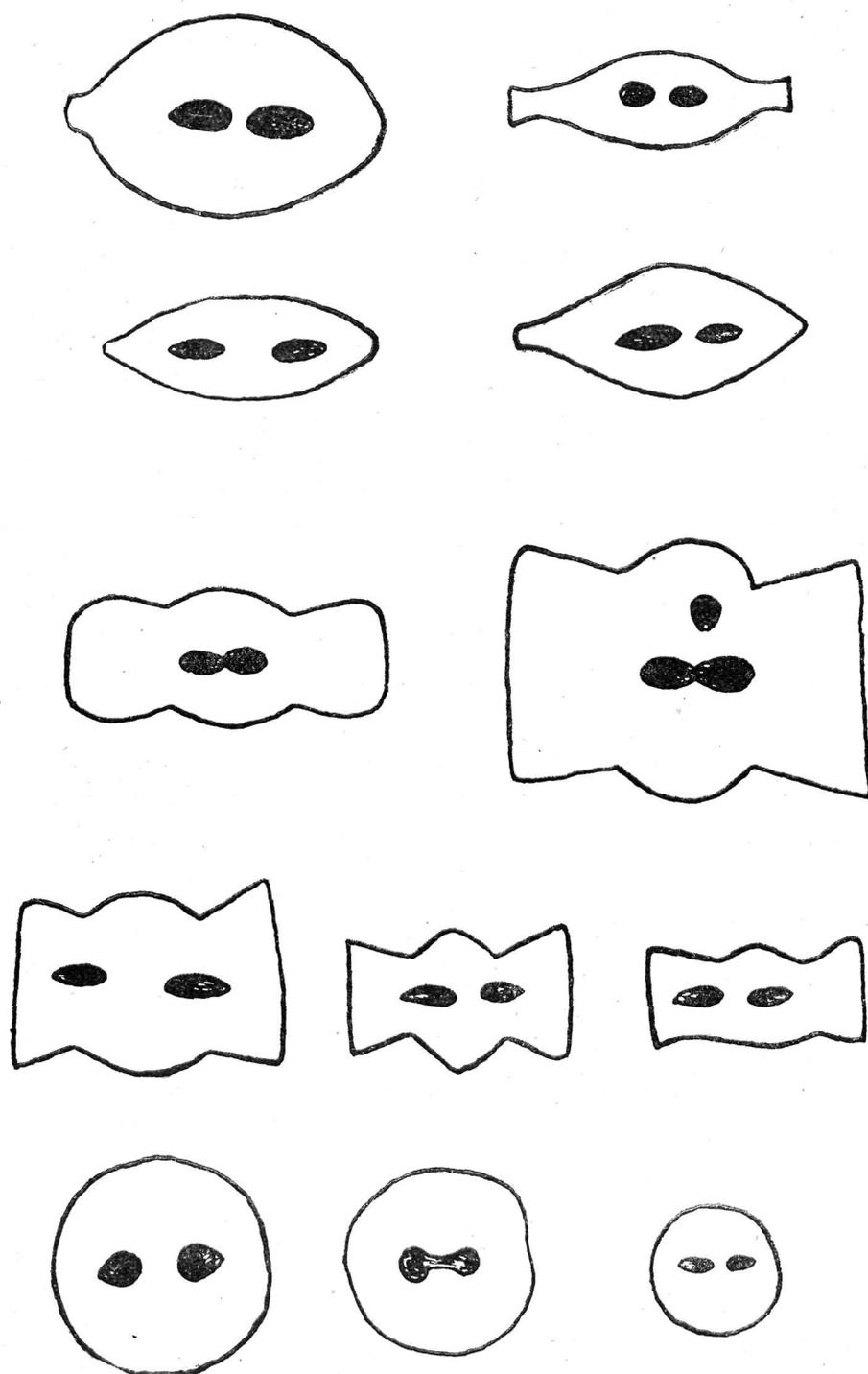


Fig. 6. — 1, 4, 5, 6, 7, Palmela; 2, Monte Abrão; 3, Aljezur; 8, Casa de Moura; 9, 10 e 11, Vila Nova de San Pedro; 12, Agualva.

2. Objectos de osso.

Cabos.—Encontraram-se neste sepúlculo muitos cabos de várias dimensões uns completos (Est. VI, nº 51), ou já danificados (Est. VI, nº 52, 53 e 54) e (Est. VII, nº 57). Existem exemplares semelhantes em Vila Nova de S. Pedro, Furninha, Casa da Moura, Cascais, Pal-

mela, etc., etc. Dimensões do nº 51 da Est. I: Comp., 82 mm; larg., 13 mm.; esp., 10 mm.

C) *Cerâmica.*

a) *Cerâmica lisa.*—3 vasilhos incompletos (Est. II, nº 13, 14 e 18) do tipo de Alcalar (44), Caldas de Monchique (45), Ferradeira (46), etc., etc. São as características urnas de fundo esférico tão vulgares na cultura dolmenica. Dimensões do maior: diâmetro actual, 60 mm.; alt., 53 mm.; esp. no bordo, 3 mm. Do menor: diâmetro actual, 31 mm.; alt., 40 mm.; esp. no bordo, 3 mm.

Fundo completo e paredes quási inteiras dum outro vaso (Est. II, nº 20) tem como interessante a sua grande espessura e fundo quási plano. Perfil semi-esférico de bordos pouco elevados. Encontraram-se em Monchique (Caldas) alguns deste tipo. O seu fabrico é rude e o barro empregado muito grosseiro. A pasta contém muitos grãos de quartzo. Diâmetro, 59 mm.; alt., 25 mm.; esp. a meio, 6 mm. Além destes quatro vasos meio completos encontraram-se muitos fragmentos de bordos com variados perfis.

b) *Cerâmica ornamentada.*—A par desta cerâmica rude encontramos cerâmica ornamentada com motivos do campaniforme (Est. III, nº 26 e 27).

Metade dum vaso campaniforme com perfil lembrando os do grupo de Almeria e da costa levantina (47). Alt., 99 mm.; esp. no bordo, 45 mm.

Bordo de grande taça (Est. III, nº 22) com motivos do campaniforme gravados pela tecnica pontilhada. Este bordo tem uma côr negro-aveludada que demonstra ter servido ao lume para derreter ou cosinhar matéria oleaginosa. Comp., 101 mm.; esp. no bordo, 10 mm.

Vários fragmentos apresentando no interior uma ornamentação muito interessante (Est. III, nº 25). Uma serie de círculos pequenos todos de igual diâmetro conseguidos com uma extremidade dum delgado cilindro ôco. Alguns arqueólogos dizem que esta ornamentação foi realizada por meio duma palha de qualquer gramínea,

(44) ESTACIO DA VEIGA, *Antiguidades Monumentaes do Algarve*, Lisboa, 1893.

(45) A. VIANA, O. DA VEIGA FERREIRA e J. FORMOSINHO, *Necrópolis de las Caldas de Monchique*, Madrid, 1950.

(46) M. LYSTER FRANCO e A. VIANA, *Cemitério da Idade do Bronze nos arredores de Faro*, Vol. XI, *Trab. de Antrop. e Etnol.*, Porto, 1948.

(47) ALBERTO DEL CASTILLO. *La cultura del vaso campaniforme*, Barcelona, 1928.

depois de sêca e cortada. Dimensões do maior: Comp., 31 mm.; esp. no bordo, 5 mm. Conhecemos idênticas cerâmicas em Vila Nova de S. Pedro.

Vários fragmentos com ornamentação pontilhada (Est. III, nº 24 a 28).

Fragmento com uma pequena asa (Est. III, nº 17).

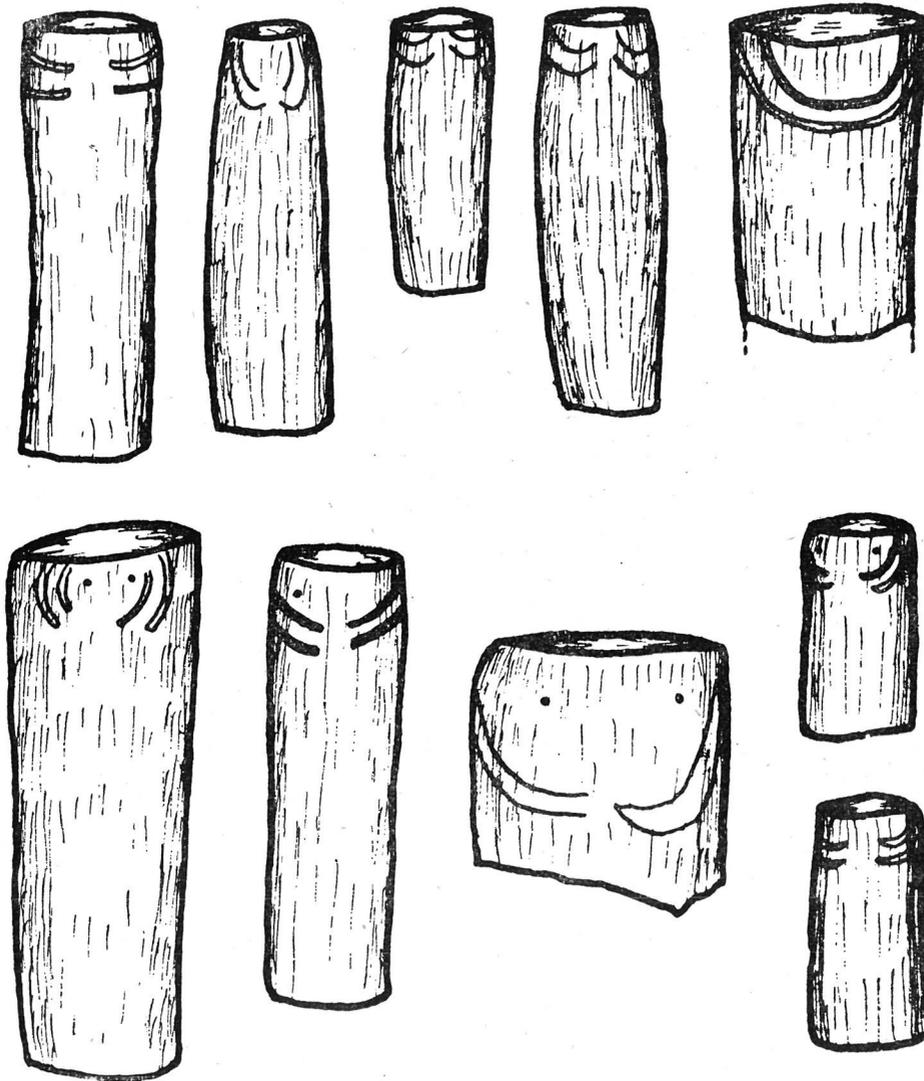


Fig. 7. — Cilindros de Calcário: 1, Rotura; 2 e 9, S. Martinho (Sintra); 3, Cascaes; 4, Casa da Moura; 5, O de Aqualva; 6 e 10, Serra das Mutelas; 7, Barro; 8, S. Mamede (Obidos). (Reducidos.)

Fragmento dum pequeno vaso de bordos pouco elevados com o bojo ornamentado com faixas cruzadas formando “xadrez” (Est. III, nº 23).

Fragmentos dum vaso de bordos delgados, com ornamentação de faixas paralelas incisadas e largas (Est. VII, nº 55). Em Vila Nova de

S. Pedro aparecem cerâmicas idênticas. Nas colecções dos Serviços Geológicos existem alguns exemplares provenientes das grutas de Cascais, Ribeira da Lage, etc.

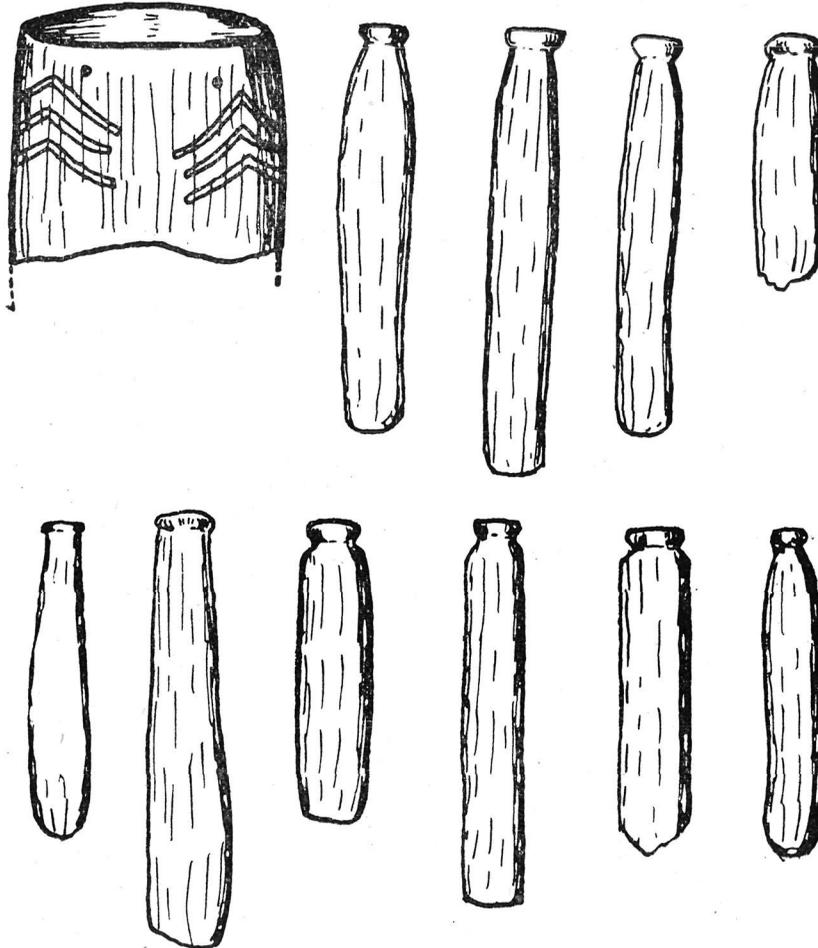


Fig. 8. — Cilindros de osso: 1, Palmela; 2, Cascais; 3, Liceia; 4, Barro; 5, S. Martinho (Sintra); 6, Serra das Mutelas; 7, 8 e 9, Vila Nova de S. Pedro; 10, Agualva; Cilindro de calcário, de Vila Nova de S. Pedro.

Os motivos da ornamentação são constituídos por linhas paralelas com traços oblíquos, linhas quebradas e paralelas sendo os triângulos formados preenchidos com incisões cardiformes, faixas paralelas, etc.

Nota-se, no entanto, a predominância da técnica do pontilhado. Também se nota maior abundância de cerâmica do tipo dolménico. Ficamos com a impressão de que alguns dos fragmentos do campaniforme, encontrados, principalmente o vaso com o perfil lembrando os de tipo almeriense e costa levantina, tinha sido importado do sul de Espanha, pois que, apresenta características diferentes da cerâmica considerada por A. del Castillo como pertencendo ao grupo de Portugal.

D) *Objectos de vestuário e adorno.*

Contas.—Continha a sepultura algumas contas cilíndricas de calaíte (Est. VIII, nº 60 a 68), uma de xisto ardosiano (48), uma de calcário e outra muito pequena e delgada, feita duma concha. Foi encontrada também uma bela conta de amfibolito, bitronco-cónica muito gasta pelo uso.

As contas de calaíte são vulgares nas estações eneolíticas da Península. É curiosa a relativa abundância destes enfeites, sabendo nós, que era um material de importação conseguido, certamente, por intercâmbio com outras matérias da Península. Não ha dúvida, de que pelo menos na Península ibérica, a calaíte não existe na natureza, mas tudo leva a crer que viesse do Mediterrâneo Oriental ou Asia onde existem jazidas de rochas fosforo-aluminadas em abundância.

Se assim é temos, sem dúvida, intercâmbio com civilizações daquelas paragens, no eneolítico, e esse intercâmbio só se poderia realizar por meio da navegação. Isto vem, até certo ponto provar, por exemplo, a expansão do vaso campaniforme para além Pirineus até aos Balcans, e para a Inglaterra. Por outro lado a descoberta de elementos exóticos nas nossas estações pré-históricas, prova também, que os povos mediterrâneos vinham à Península deixando aqui certas influências, principalmente no culto religioso.

Botões.—Recolhemos apenas um botão de osso (Est. VI, nº 48) de forma elíptica, muito bem polido, com a característica furação em V, exemplar um pouco semelhante aos de Vila Nova de S. Pedro, e aos encontrados em Almeria. A sua forma é considerada de influência egípcia (49). Dimensões: Comp., 34 mm.; larg., 24 mm.; esp. 5 mm.

Fíbula ou gancho?—Encontrou-se com o outro espólio um curioso artefacto de cobre? (Est. VIII, nº 69) que lembra um gancho para prender qualquer peça de vestuário fino. Não conhecemos exemplar semelhante e é com natural reserva que o descrevemos.

Frasco de osso?—Foi encontrado um fragmento dum cilindro ôcc de osso que poderá ser considerado como pequeno recipiente (Est. VI, nº 50). Aparecem objectos deste tipo, ora ricamente ornamentados,

(48) Estas contas de xisto ardosiano aparecem no Egipto por volta de 3.000 anos a. C. — E. JALHAY e A. DO PAÇO, *A póvoa eneolítica de Vila Nova de S. Pedro. Brotéria*, Vol. XXXVII, Lisboa, 1943.

(49) E. JALHAY e A. DO PAÇO, (1945), p. 39.

ora lisos, em Cascais, Monte Abraão, Palmela, Vila Nova de S. Pedro, Furninha, Marcela (Algarve), S. Martinho de Sintra, Monumento do Barro (Torres Vedras), Monte Velho (Algarve). Em Espanha aparecem em Los Millares, Gandul, Rio de Gor, Loma de Huéchar, Blanquizares (50), etc. Têm sido considerados por vários autores, como sendo frascos para perfumes, unguentos, etc.

E) Objectos a que se atribue finalidade religiosa.

Cilindros de pedra.—Foram recolhidos 16 (Est. IV, nº 29 a 37 e Est. V, nº 39, 41, 42 e 43) sendo uns de mármore, outros de grês amarelado. Todos sem ornamentação, com a excepção, do figurado na (Est. V, nº 40), que tem uma ornamentação nítida (Tatuagem facial).

Nils Aberg (51), assim como outros autores, consideram estes cilindros como representando o inumado ou inumados (52). São vulgares nas estações eneolíticas da península de Lisboa e na de Setúbal. Conhecemo-los em Palmela, Casa da Moura (Cesareda), Monte Abrão, Estria, Folha de Barradas, Carenque, Cascais, Carvalho (Turquel), Serra das Mutelas, S. Martinho de Sintra, Pragança, S. Mamede de Obidos, Rotura, o ídolo isolado de Moncarapacho (Algarve), Aljezur, etc., etc. Em Espanha aparecem, principalmente, na província de Almeria (Los Millares, Almizaraque, etc.). Dimensões do maior: Comp., 165 mm.; diâmetro, 62,5 mm. Do menor: Comp., 33 mm.; diâmetro, 19 mm.

Cilindros de osso.—Os cilindros de osso encontrados são dois cada um do seu tipo.

1.º De goça ou garganta (Est. VIII, nº 71), como os de Pamela, Cascais, Samarra, Liceia, Monumento do Barro, Serra das Mutelas, Castro de Pragança (53), Vila Nova de S. Pedro, etc. Comp., 63,5 mm.; diâmetro, 10 mm.

2.º Liso, cilíndrico um pouco mais delgado para a parte superior (Est. VIII, nº 70), como um de Cascais e vários de Vila Nova de S. Pedro. Comp., 53 mm.; diâmetro maior, 11 mm.; diâmetro menor, 8,5 mm.

(50) G. e V. LEISNER, (1943).

(51) NILS ABERG, (1921).

(52) LINCKENHELD, *L'idole cylindrique énéolithique de Terville; L'Anthropologie*, T. 47, Paris, 1937. — Estamos convencidos que estes cilindros representam a mais simples representação da figura humana. Ver a este respeito o trabalho de VERGILIO CORREIA, *El Neolítico de Pavia*.

(53) L. DE VASCONCELOS, *História do Museu Etnológico Português*, Lisboa, (1893-1914).

F) *Objectos diversos.*

Placa de Archeiro?—Foi encontrado um fragmento duma placa encurvada, semelhante a uma da sepultura da Folha de Barradas (54) e a uma outra do dolmen da Estria (Belas). Em Espanha conhecemos-las em Herrerias provenientes de Purchena.

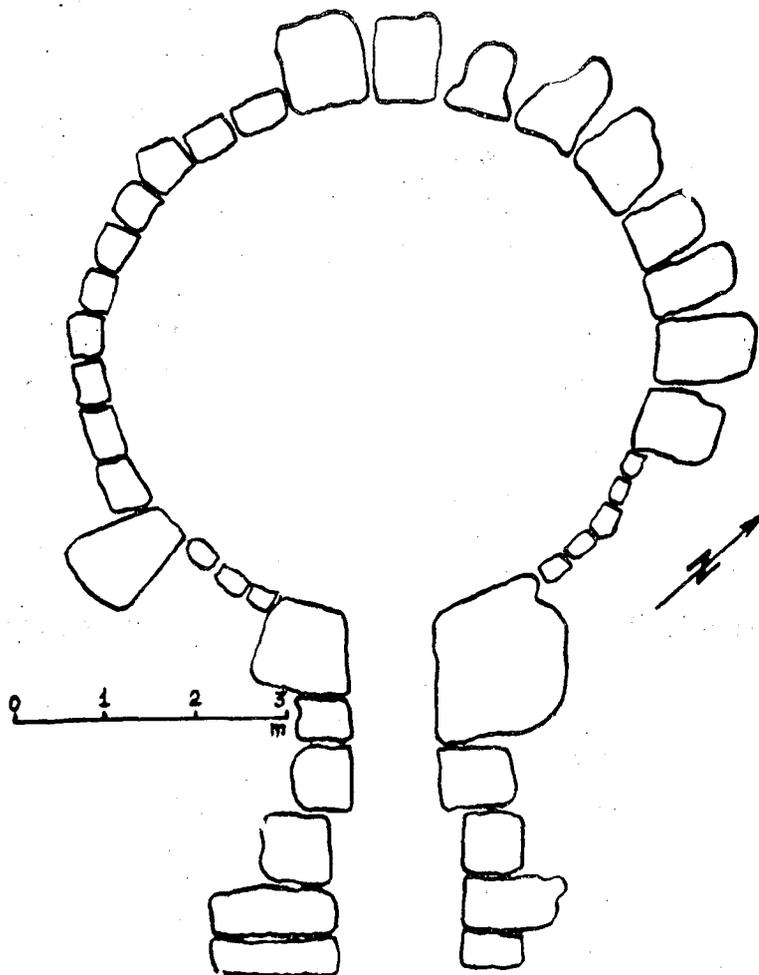


Fig. 9. — O monumento de Barro (Torres Vedras).

Presas de Javali.—Encontraram-se 3 presas (Est. VI, nº 45, 46 e 47) que talvez tivessem servido de amuletos. Têm sido encontradas outras, algumas gravadas, na gruta da Casa da Moura (Cesareda), Cascais, Furninha (esta ornamentada), Bugalheira (Almonda), Gruta de Carnaxide (55), grutas de Alcobaça, etc.

(54) CARLOS RIBEIRO, (1880).

(55) Existe outro pequeno abrigo, em Carnaxide que já começamos a explorar donde se retirou material semelhante ao da primeira gruta. Esta gruta, transformada em capela, alberga a imagen da Senhora da Rocha e fica anexa à Igreja da mesma Santa. O espólio retirado desta gruta pertence à colecção dos Serviços Geológicos de Portugal.

Duas duzias de pequenos seixos, alguns com vestígios de fogo, que os arqueólogos ainda não acertaram quanto ao seu emprego.

Dizem uns, que eram pedras de funda, outros, que seriam pedras aquecidas no fogo e deitadas dentro dum recipiente com água de modo a fazê-le ferver ou aquecer. Na segunda hipótese, apoiam-se, no que se observa ainda hoje nalguns povos primitivos.

Valva direita de *Pecten maximus* (Est. VI, nº 49), foi encontrada esta valva que serviu de recipiente, por certo, aos ingredientes de tatuagem, porquanto encontramos parte, fragmentos abundantes de ôcre e de hematite vermelha terrosa. E de ha muito conhecido o emprego de côres e corantes nesses recuados tempos. E vulgar encontrarem-se ainda restos tingindo as vasilhas que lhe serviram de depósito. Encontramos num túmulo do Algarve (Buço Preto) (56) um enorme bloco de hematite rubra toda raspada pelas inumeras fricções, a que foi submetida, para lhe tirarem o corante e que humedecendo-a com água da uma cor vermelho carregado. Estácio da Veiga, assim como outros autores, encontraram em Alcalar abundantes vestígios destes corantes.

Esqueletos humanos.—Devido ao abatimento e quasi destruição do monumento não nos foi possível retirar esqueleto algum completo, nem mesmo um crânio. Retiramos alguns maxilares incompletos, e outras peças osteológicas que serão estudadas pelo Prof. Mendes Corrêa.

Fauna.—A fauna recolhida consta de: mamíferos tais como *cervus*, *ovis*, *sus*, *lepus*, etc. Encontraram-se tambem restos de *felis* e *canis*.

VI.—Cronologia

Esta encontra-se perfeitamente determinada pelo espólio recolhido: lâminas, raspadeiras, pontas de seta, punhais, alabardas, o botão de osso, contas de calaite, idolos cilindricos de mármore e de osso, cerâmica lisa e cerâmica ornamentada do tipo campaniforme.

Todos estes elementos caracterizam bem a 1ª fase da cultura do Bronze mediterrâneo segundo a classificação de Santa Olalla (57)

(56) Veja-se o espólio do túmulo nº 7 da necrópole do Buço Preto (Caldas de Monchique), depositado no Museu Regional de Lagos.

(57) J. M. SANTA OLALLA, *Esquema paleontológico de la Península Hispânica*, Madrid, 1946.

ou do Bronze I, segundo o estabelecido no Congresso de Almeria em 1948 (58).

Para nós, esta cultura inicial do Bronze, caracteriza propriamente a cultura do vaso campaniforme e que segundo E. Jalhay apresenta em Portugal duas fases bem distintas (59). O grupo que nos interessa, no presente caso, é o que inclui os monumentos de S. Martinho (Sintra), Palmela, Alapraia, Casçais, S. Pedro do Estoril, Carenque, Ribeira da Lage (níveis superiores), Folha de Barradas, Casa da Moura (cesareda), Furninha (níveis superiores) e Cabeço da Ministra (Alcobaça), etc.

E, portanto, neste grupo que aparecem, duma maneira geral, elementos tipológicos semelhantes aos encontrados no monumento de Agualva. Do ponto de vista de construção tumular, é também neste grupo, que devemos incluir, o túmulo em estudo, porquanto as construções semelhantes, como o monumento do Barro (Torres Vedras), S. Martinho de Sintra, Serra das Mutelas (Torres Vedras), Monge (Sintra), etc., pertencem à mesma cultura (Figs. 9 y 10).

Esta cultura do vaso campaniforme em Portugal, chamada grupo Português do Sul ou do Baixo Tejo, procede, segundo vários autores, do grupo da Andaluzia, mas por via marítima, e não por via terrestre, pois que até ao presente não é conhecida no Alentejo, unico caminho que deveria seguir para Portugal. Por outro lado, é junto à foz do Tejo e do Sado, justamente, nas penínsulas de Lisboa e de Setúbal, que se situam as estações mais importantes do campaniforme. Estamos convencidos que esta cultura foi introduzida por via marítima e daí as influências conhecidas provenientes, não só do grupo de Andaluzia, como também, as influências almerienses, Norte de Africa e Mediterrâneo Oriental.

Por volta de 1800 anos a. de C. ou talvez depois (60) já um povo navegador cruzava as nossas costas do Atlântico pondo-as em comunicação com a Andaluzia, por um lado, e Galiza, Bretanha, Irlanda, etc., por outro.

(58) MALUQUER DE MOTES, *Concepto y periodización de la Edad del Bronce peninsular*; *Ampurias*, Vol. XI, Barcelona, 1949.

(59) E. JALHAY, *O monumento pré-histórico do Casal do Zambujal (Torres Vedras, Brotéria*, Vol. XLII, Fasc. 4, Lisboa, 1946. — E. JALHAY e A. DO PAÇO, *A gruta II da necrópole de Alapraia*; *Anais da Academia Portuguesa de Historia*, Vol. IV, Lisboa, 1941.

(60) BOSCH GIMPERA, *O neo-eneolítico na Europa occidental e o problema da sua cronologia*; *Trabalhos da Socied. Portuguesa de Antrop. e Etnol.*, Vol. III, Fasc. IV, Porto, 1928.

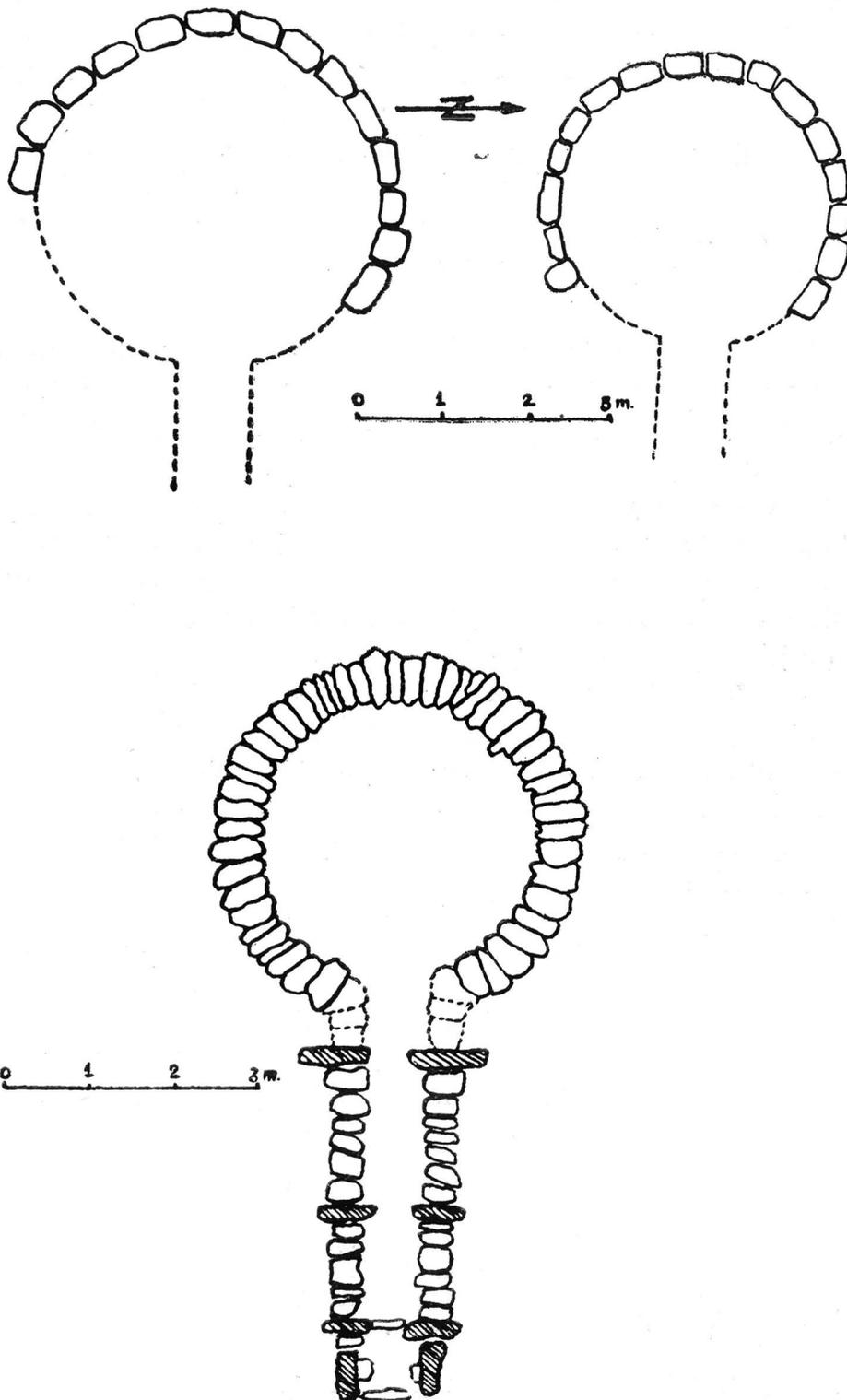


Fig. 10. — Os dois Monumentos de Vale de S. Martinho (Sintra); O Monumento nº 9 de Alcalar (Algarve).

Segundo o Prof. Mendes Corrêa (61) no neo-eneolítico, na Península, existia uma grande mistura antropológica, devida talvez, às migrações humanas que se deram a partir do paleolítico superior. Pode afirmar, no entanto, que no principio da era dos metais figuravam já na etnologia do país alguns dos principais elementos constituintes da população actual. Poderá filiar-se esse povo navegador dos tempos do campaniforme no tronco étnico que deu origem ao nosso povo actual?

Do exposto podemos concluir:

1.º O monumento de Agualva constitui mais um precioso documento para o estudo do eneolítico, não só pela raridade do seu tipo de construção, como de algum do espólio recolhido (63).

2.º Pelo estudo do espólio, construção do monumento, e principalmente pela cerâmica campaniforme podemos incluir esta jazida na cultura do vaso campaniforme, no grupo português do Sul ou Baixo Tejo podendo atribui-lhe uma data que se situe entre 22000 a 1800 anos a C. (64) ou 2000 a 1700 (65) ou 2500 a 1700 (66) ou ainda no Bronze I da cronologia proposta no Congresso de Almeria de 1948 (67).

3.º Com elementos aqui deixados neste modesto relato pensamos ter contribuído com mais alguns dados para o difícil problema das coisas do eneolítico. Oxalá o estudo apresentado possa servir, no futuro, para aclarar alguns desses problemas. Se, alguma coisa destas linhas, se aproveitar para esse fim, essa será a maior compensação ao nosso trabalho.

(61) A. A. MENDES CORREA, *A Lusitânia Pre-romana; História de Portugal*, Barcelos, 1928.

(63) Felix Alves Pereira na correspondência sobre o monumento da Pena (Torres Vedras) (ver *Arch. Port.* Vol. XIV, p. 361, 1909) diz: "este monumento de sua natureza funéreo, pertence a uma classe de construções prehistóricas, de que em Portugal têm sido explorados alguns raros espécimens, mas que os nossos paleoethnologos condignamente apreciam". *Até agora só se conheciam: os dois monumenos de S. Martinho de Sintra, O monumento do Monte da Pena* (vulgarmente conhecido por monumento do Barro), o *monumento da Serra das Mutelas* (Torres Vedras) e o *Monge* (Sintra) (apenas na galeria apresenta a mesma tecnica de construção). Juntaremos a estes, o de Agualva, agora descoberto e infelizmente destruído.

(64) ALBERTO DEL CASTILLO, *Cronologia de la cultura do vaso campaniforme en la Península Ibérica; Arch. Esp. de Arq.* nº 53, Madrid, 1943. Idem, *El neoeneolítico; Historia de Espanha*, I, Madrid, 1947.

(65) J. M. SANTA OLALLA, *Esquema...*, 1946.

(66) BOSCH GIMPERA, *Etnología de la Península Ibérica*, Barcelona, 1932.

(67) MALUQUER DE MOTES, *Concepto y periodización de la Edad del Bronce peninsular. Rev. Ampurias*, 1949.